

Economista diz que Brasil já vive a hiperinflação

MARIA R. PIRES
Especial para o CORREIO

Rio — Já estamos convivendo com a hiperinflação e é preciso ter consciência disso, para não perdermos outra década. A afirmação é do economista Paulo Guedes, vice-presidente do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC), que elaborou o programa econômico do candidato do PL à Presidência da República, Guilherme Afif Domingos — cujas receitas recomenda também para o candidato eleito, Fernando Collor de Mello.

Um dos tripés de sua proposta passa pela flexibilização de câmbio a médio prazo e a curto prazo por um regime de taxas administradas, onde o Governo iria cedendo às pressões do mercado. Tão logo a economia se ajuste, a liberação poderá ser total, já com a moeda fortalecida, uma vez que o ideal é tornar-se a oitava no mundo, de acordo com a participação do PIB, no cenário econômico internacional, explicou Paulo Guedes.

Mas tão importante quanto a alteração no câmbio são os ajustes fiscais e monetários para equilibrar as finanças públicas. As exportações devem deixar de ser privilegiadas com a isenção do Imposto de Renda. O câmbio realista compensaria a perda desse subsídio e deixariam de se beneficiar apenas alguns setores, para estimular o desenvolvimento da agricultura, agroindústria, mine-

ração, desconcentrando os polos industriais das metrópoles.

Como o comércio internacional representa apenas dez por cento do comércio total do País, “segurar o câmbio é como impedir que um cachorro balance o rabo”, comparou Paulo Guedes. “O resultado é que se agita o corpo inteiro, ou seja, a economia paga como um todo, com a recessão”, frisou.

“A recessão, o arrocho salarial, a defasagem das tarifas públicas e do câmbio é que têm segurado a economia até aqui. Vivemos há três ou quatro anos uma hiperinflação reprimida, agravada pelos choques econômicos, que retardaram a adoção de medidas enérgicas sobre o déficit público”, diagnosticou o economista.

Paulo Guedes disse esperar que o Congresso seja solidário, quando o presidente eleito apresentar seu programa de governo, pois considera que o tempo será muito curto para a tomada de providências. “O Congresso tem sido omissos, por ignorância”, comentou. Um programa de privatização, por exemplo, já existe desde o tempo de Figueiredo e, se antes tal projeto era criticado, por ser julgado de cunho ideológico, o argumento caiu por terra, observou. Os países do Leste Europeu estão abrindo sua economia para o resto do mundo, por uma imposição estrutural, e agora os que são contrários a essa proposta é que possuem uma visão nada pragmática, argumentou.

ESPECIAL PARA O CORREIO

CORREIO

1990

17 JAN